Memórias Sonoras: A Música como Guardiã do Tempo e da Identidade

Virginia Calazans Ribeiro Acosta[1]

Resumo

A música é uma ferramenta metodológica poderosa e multifacetada na História Oral, indo muito além de um mero elemento de ambientação ou ilustração. Ela atua como uma chave de acesso à memória, um texto cultural a ser decifrado e um meio de expressão e criação junto aos sujeitos históricos. Este trabalho investiga a música analisando seu papel na preservação de identidades culturais e históricas coletivas. Partindo do conceito de "lugares de memória" de Pierre Nora (material, funcional e simbólico), o trabalho explora como a música transcende sua função artística para se tornar um repositório dinâmico de lembranças, capaz de conectar passado e presente e moldar percepções individuais e sociais. A metodologia baseia-se em revisão bibliográfica e análise de canções emblemáticas, como Bella Ciao (símbolo da resistência antifascista), Viva La Quinta Brigada (Guerra Civil Espanhola) e Pra Não Dizer que Não Falei das Flores (ditadura militar brasileira), utilizando contribuições teóricas de Napolitano (2005), Shelemay (2006) e Barros (2011). Os resultados demonstram que a música opera principalmente como um lugar de memória simbólico, embora também possa assumir dimensões materiais (partituras, gravações) e funcionais (protestos, rituais). Através de melodias e letras, ela codifica emoções e eventos históricos, permitindo reinterpretações conforme as demandas do presente. As análises revelam que a música preserva memórias coletivas (como Bella Ciao, que ressignificou lutas camponesas em hinos de resistência), fortalece identidades nacionais (hinos e canções de protesto) e serve como ferramenta de resistência política (como Ay, Carmela contra o franquismo). Conclui-se que a música é um veículo ativo de memória, adaptável a novos contextos sem perder sua essência histórica, reforçando sua importância como patrimônio cultural e instrumento de construção identitária.

Palavras-chave

Música; Memória Coletiva; Identidade; Lugares de Memória; Resistência.

O historiador Marcos Napolitano inicia seu livro História & Música nos falando que a música: "(...) ajuda a pensar a sociedade e a história. A música não é apenas boa para ouvir, mas também é boa para pensar" (Napolitano, 2005, p.11), diante dessa afirmação, eu diria mais, a música é boa para guardar. A música sempre foi usada para eternizar acontecimentos, para gravar momentos importantes da história e da sociedade. Como também foi usada para moldar a memória coletiva. É intenção desse trabalho refletir sobre a música ser um "espaço de memória", e como funciona como um veículo individual ou coletivo de repositório

[1] Doutoranda em História UDESC, Bolsista Promop.

dinâmico de lembranças do passado, e como a memória musical se encontra com a construção da identidade.

O termo "lugares de memória" foi criado pelo historiador Pierre Nora, argumentando que nas sociedades atuais, ocorreu uma alteração relevante na maneira como nações e grupos se conectam com o passado. Segundo ele, um dos temas centrais da cultura contemporânea é o equilíbrio entre o respeito ao passado, a identidade de um coletivo, a memória compartilhada e as questões da individualidade. No período de 1978 a 1981, Nora conduziu um seminário na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, reunindo pensadores para debater a memória e a identidade francesa. Para o contexto do autor esta discussão era muito importante, já que os estudiosos franceses necessitavam reconsiderar a formação da identidade nacional diante dos desafios impostos pela União Européia, globalização e multiculturalismo. (Neves, 2007, p. 26). Assim sobre o conceito de lugares de memória Nora coloca:

> Os lugares de memória são primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode se apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquiram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica. (Nora, 1993, pp. 21-22).

Dessa forma podemos refletir muito sobre a ideia que Pierre Nora nos apresenta, e podemos começar com o fato de que, os locais de memória são edificações históricas que têm papel, ou função explícita, na manutenção da memória comunitária. Eles não existem por si só, mas são escolhidos ou feitos para serem símbolos, ou marcadores, de identidade compartilhada e para substituir a memória comum de um grupo. Quando isso acontece, tais locais se tornam centrais para a narrativa e identidade histórica de uma sociedade.

Assim os “lugares de memória” especifica-se por três dimensões: Material, que seriam locais tangíveis ou físicos, ou seja, monumentos físicos, estruturas que são percebidas pelos sentidos, e é permitido visitá-los, tocar ou observá-los. São os suportes da memória, locais onde a história pode ser sentida ou examinada. A dimensão Funcional constituiria locais que desempenham uma função determinada na manutenção ou organização da memória coletiva.

São convertidos em locais de encontro para os indivíduos recordarem e refletirem sobre o passado, atuando assim ativamente na formação e promoção da memória. E, por último, Simbólico, no qual desempenham uma função particularmente significativa porque refletem e revelam a identidade de um grupo social ou de toda uma nação. São representações de um conjunto de princípios, de uma trajetória comum e de vivências que caracterizam um grupo. O historiador José D'Assunção Barros, reflete sobre o conceito de Nora, e sugere que a memória está presente em todos os aspectos da vida humana.

> Na célebre coleção francesa de sete volumes publicada sob a direção de Pierre Nora, uma consulta aos sumários de cada volume revela de imediato a complexidade e extensão envolvida pelos lugares de memória. Símbolos, Monumentos, a Pedagogia com suas enciclopédias e dicionários, as Heranças como os santuários régios e as relíquias monásticas, as Paisagens, o Patrimônio, o Território e mesmo a própria Língua, que realiza memória em si mesma ao trazer consigo traços de grupos específicos e da humanidade como um todo... eis aqui um vasto universo de "lugares de memória" que inclui a própria historiografia, seja esta científica ou cronística. Onde existe o humano, pode-se dizer que a memória estabelece-se, gerando os seus lugares. (Barros, 2011, p. 329-330)

A noção de lugares de memória. Abre uma nova perspectiva em termos de organização e percepção da memória coletiva (Barros, 2011, p.329).

> Desde as células familiares, que organizam sua memória através de recursos os mais diversos como as genealogias e os álbuns de fotografias, até as grandes Nações que erguem museus e arquivos para dar visibilidade à sua própria identidade, a Memória apresenta definitivamente muitos "lugares" (Barros, 2011, p.330).

Pensando sobre a colocação de Barros, entendemos que a música está em um desses "lugares". E ela se enquadra principalmente como um *lugar simbólico* de memória, segundo a definição de Nora, **pois a** música é carregada de significados que vão além da letra ou da melodia. Ela expressa, de maneira profunda, identidades coletivas, sentimentos e narrativas históricas, quando uma canção se torna um hino nacional, por exemplo, ela se transforma em um símbolo de união e de memória histórica, representando a identidade de um povo e sua história de maneira emocional e subjetiva. A música faz com que as pessoas se lembrem de eventos, conquistas ou lutas e as conecta a um senso de pertencimento a algo maior. Mas também pode ter elementos dos outros tipos de lugares de memória (material e funcional) dependendo do contexto.

Embora a música, por sua natureza, não seja material no sentido físico de um lugar como um monumento ou uma praça, ela pode ser registrada e se materializar em discos, partituras, gravações ou até mesmo em performances ao vivo. Nesses casos, a música pode ser fisicamente preservada e representada em objetos, mas é o seu significado simbólico que a transforma em um verdadeiro lugar de memória. A música é primariamente um **lugar simbólico**, pois representa a memória coletiva e a identidade de uma comunidade ou nação, mas também pode ter um caráter funcional e até material dependendo de como é utilizada ou preservada.

Assim a música tem um papel importante em formar a memória coletiva e preservar a identidade cultural. Nora viu isso como um movimento cultural ou histórico, onde os indivíduos passam de uma cultura mais institucional e grandiosa para uma cultura que valoriza mais as tradições locais e a simplicidade.

> (...) desceu do céu das catedrais e dos castelos para refugiar-se nos costumes olvidados e em antigas maneiras de fazer, no bom vinho, nas canções e nos dialetos locais; saiu dos museus nacionais para invadir os espaços verdes ou afirmar-se nas edras das velhas ruas. (Nora, 2008, p. 183)

Nora sugere que é o momento de valorizar mais as coisas simples e locais. Ele discute hábitos ancestrais, tradições perdidas, vinhos, canções e dialetos, elementos da cultura que possuem uma ligação mais autêntica e profunda, diferentemente das grandes instituições formais. Segundo ele, essa cultura, antes confinada a espaços formais, como museus e monumentos, agora está se expandindo para o cotidiano, ocupando espaços públicos e zonas mais habituais da cidade, como parques e ruas históricas. Assim, ele observa uma transformação cultural, onde a simplicidade, a autenticidade e as tradições locais ganham mais destaque, contrapondo-se ao poder das grandes instituições e da cultura grandiosa. O historiador Afonso Carlos Marques dos Santos menciona que há várias localidades que podem ser reconhecidas como lugares de memória:

> [...] É preciso notar que a concepção de lugar de memória abrange desde o traçado da cidade até a sua nomenclatura; da toponímia até os livros que sobre ela se escreveram, nos mais diversos sentidos - compreendendo não apenas as obras arquitetônicas e urbanísticas, mas também os documentos de cultura de um modo geral, isto é, toda a produção estética, incluindo a literatura, as artes plásticas, a música, além a imprensa e da iconografia sobre a cidade. Tudo isso pode se constituir em lugares de memória (Santos, 1997, p. 18).

Além disso, a música está profundamente ligada à memória e à história, e ela funciona como um registro do que as pessoas viveram e sentiram ao longo do tempo. Quando ouvimos uma música, muitas vezes ela nos faz lembrar momentos específicos, de situações ou até períodos históricos, pois a música consegue capturar as emoções e as experiências de uma sociedade, geração ou cultura, isso acontece porque a música consegue guardar os sentimentos e as experiências de um povo, de uma geração, de uma cultura. Desempenha um papel fundamental na preservação da memória coletiva, sendo capaz de narrar a história de um povo, de um lugar ou de uma época, sem recorrer a datas ou textos formais (Napolitano, 2005, p. 11-21). Assim, a música contribui para a continuidade das tradições, da identidade cultural e da memória histórica, garantindo que aspectos essenciais da história humana não sejam esquecidos.

Um exemplo disso é quando estudamos os fragmentos de partituras que foram analisados pelo músico espanhol Gregório Paniagua, que recriou as canções da Grécia Antiga. Observa-se que por traz do trabalho de Paniagua a preocupação de preservar e reviver a memória musical do passado, já que sua carreira foca nas eras medieval, renascentista e barroca. O que chama atenção no trabalho do músico é a reprodução de forma autêntica, onde ele utiliza instrumentos de época e uma interpretação e revitalização das sonoridades, estilos e emoções vividas em outros momentos longínquos. Na Plataforma YouTube, Deezer ou mesmo Spotify pode-se ouvir Paniagua e seu grupo Atrium Musicae de Madrid, e ouvindo a música é como que nos transportasse a aquele tempo. Com esse trabalho o músico, permitiu a sociedade contemporânea a construção de uma memória coletiva. Desta forma a música como espaço de memória, passa a ser uma narrativa sonora que ultrapassa o tempo, fazendo uma ponte com o presente mesmo se tratando de sons do passado.

Kay Kaufman Shelemay (2006) explora a relação entre música e a construção da memória histórica. A musicóloga discute como a música desempenha um papel crucial na preservação e transmissão de identidades culturais, sendo um veículo importante para a memória coletiva e a história de uma sociedade. Sobre a memória coletiva ela definiu:

> O que é frequentemente designado por "memória coletiva" é o conhecimento partilhado como outros, através de várias formas de expressão, incluindo a fala, a música, a dança e outros meios de expressão, e que emerge em parte de uma expectativa comum de que o momento ou o acontecimento é, de fato, memorável. (Shelemay, 2006, p. 18, tradução nossa)

Ela investiga como as músicas podem ser usadas para manter vivas as experiências e tradições de um povo, ajudando a conectar o presente com o passado. A autora também

aborda a forma como diferentes contextos históricos e sociais moldam a música e, por sua vez, como a música pode refletir e influenciar mudanças culturais e políticas. Shelemay propõe que a música não apenas transmite emoções ou histórias individuais, mas é um meio dinâmico de expressão coletiva, essencial para entender a história de um grupo ou nação. Em resumo, ela examina como a música é fundamental na construção e manutenção da memória histórica e cultural, tornando-se uma forma de resistir ao esquecimento e de reforçar as identidades ao longo do tempo (Shelemay, 2006).

A música tem um poder incrível de moldar a memória coletiva porque, além de ser uma forma de expressão emocional, ela é capaz de unir as pessoas em torno de sentimentos e experiências compartilhadas. Quando uma música toca em momentos importantes, como eventos políticos, festas ou celebrações (sociais ou religiosas), ela acaba se tornando um símbolo daquele momento, ajudando a relembrar e fortalecer certas histórias e ideias. Por exemplo, músicas que marcaram épocas, como as que foram compostas na Ditadura Militar no Brasil, como: *Cálice*, de Chico Buarque e Gilberto Gil, *O Bêbado e o Equilibrista*, de Aldir Blanc e João Bosco, *Mosca na Sopa*, de Raul Seixas, *Alegria Alegria* de Caetano Veloso ou *Pra Não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré entre outras, não são lembradas só pela melodia, mas também pelo contexto de luta e resistência que elas carregam. Da mesma forma, sucessos de grandes eventos, como a Copa do Mundo, acabam se tornando trilhas sonoras de uma memória coletiva de um país.

Outro caso seriam os hinos nacionais, que possuem uma memória coletiva muito forte, eles são mais do que apenas músicas; são símbolos que carregam toda a história, os valores, as lutas e as conquistas de um país. Quando o povo canta o hino, seja em eventos oficiais, celebrações ou até em momentos de tensão, ele está reafirmando uma identidade coletiva, uma conexão com a história e com os ideais que moldaram aquele país (Hobsbawm, 1983). O hino nacional costuma ser associado a momentos de grande união, como festas nacionais, cerimônias de conquista ou até competições esportivas. Nesses momentos, ele traz à tona sentimentos de patriotismo, orgulho e até de superação. Por exemplo, durante a Copa do Mundo ou as Olimpíadas, ouvir o hino sendo tocado enquanto a seleção de um país ganha é uma forma de relembrar todo o esforço e a luta que levaram aquele momento de glória seja de uma geração ou de várias. Além disso, os hinos muitas vezes têm uma carga emocional que pode ser transmitida de geração para geração, crianças aprendem o hino nas escolas, o que ajuda a criar um senso de pertencimento e continuidade, mesmo que as pessoas não conheçam

toda a história por trás das palavras. O simples fato de cantar o hino já é uma forma de reforçar e manter viva a memória coletiva do país, de sua fundação, das suas vitórias e até das suas dificuldades. Portanto, os hinos são, sem dúvida, uma poderosa ferramenta de memória coletiva, pois eles representam o "sentimento nacional" e funcionam como um ponto de conexão entre o passado e o presente de um povo. (Oliveira, 1990)

A música também tem o poder de atravessar gerações, criando uma conexão entre pessoas de diferentes tempos. Quem cresceu ouvindo uma canção pode compartilhá-la com os mais jovens, e aí a música vira um elo entre o passado e o presente. Assim, ela vai se tornando parte da identidade de um grupo, moldando a maneira como as pessoas lembram de certos acontecimentos, lugares e sentimentos. Ou seja, a música ajuda a contar a história de um povo, transformando cada acorde, letra e ritmo em algo que une, emociona e perpetua.

Além disso, há uma intima relação da música com a memória coletiva. A música não é apenas uma expressão artística, mas uma ferramenta essencial para a preservação e a construção da memória coletiva, permitindo que as experiências de um grupo ou sociedade sejam recordadas, compartilhadas e reinterpretadas ao longo do tempo. Isso porque atua como um meio poderoso de preservar e transmitir experiências, valores e tradições de uma sociedade ao longo do tempo. Por ter todo esse poder, a música também pode ser usada a favor de quem deseja fazer com que um grupo de pessoas ou uma sociedade inteira, seja convencido de algo, e passe a pensar de uma forma preestabelecida. Segundo Nicole Feudi:

> Os membros da sociedade fazem-no através da memória coletiva, reinventando o passado com base nas necessidades do presente. Ao fazer isso, o passado torna-se maleável. Uma vez que a música é uma forma de media altamente influente, pode ter impacto nos pensamentos das pessoas e fazê-las pensar de uma determinada maneira. (Feudi, 2018, p. 87, tradução nossa)

Também devemos considerar que a música é uma das maneiras mais antigas de passar adiante conhecimentos e práticas culturais. Músicas tradicionais, ritmos e estilos musicais se tornam símbolos da identidade de um povo, sendo passados de geração em geração, mantendo vivas as histórias e experiências. A música também costuma refletir os acontecimentos de uma época, como eventos históricos, sociais ou políticos. Por exemplo, canções de protesto, músicas patrióticas ou hinos de guerra ajudam a registrar os sentimentos e as lutas de uma população, funcionando como um tipo de registro emocional do passado. Algumas músicas podem despertar emoções que unem as pessoas, criando um sentimento de pertencimento e

identidade. Quando uma comunidade ou nação ouve ou canta uma música marcante, ela revive aquele momento histórico, reforçando a conexão com o passado. Além disso, a música tem um papel essencial em rituais e celebrações, muitas vezes marcando momentos importantes da vida, como nascimento, morte, casamento ou festas religiosas. Esses rituais ajudam a fortalecer a memória coletiva, conectando todos com sua história e tradições.

> A música influencia a forma como o mundo se lembra de muitos eventos, especialmente eventos traumáticos. As pessoas têm a capacidade de esquecer ativamente formas de trauma, o que significa que, embora não possam apagar completamente as memórias, podem transformá-las num recurso heurístico para poderem continuar a prosperar (Aydin, 2017, p. 125 tradução nossa).

Músicas que marcaram um período têm o poder de se transformar em verdadeiros "espaços de memória", ressoando em nossas lembranças e trazendo à tona as emoções e contextos de épocas passadas. Essas canções se conectam profundamente com momentos históricos, sociais ou pessoais, sendo capazes de transportar uma pessoa ao lugar e ao tempo em que foram vividas. Seja uma música que se tornou hino de um movimento, uma canção que embalou o romance de uma geração, ou aquela trilha sonora de um momento de superação, essas músicas vão além da melodia e da letra, tornando-se marcos de memória coletiva e individual, mantendo viva a essência de um tempo.

Quem não recorda da canção "*Bella Ciao*" (1965), é um dos maiores hinos de resistência e liberdade, sendo mundialmente reconhecida como emblema da batalha contra o fascismo na Itália durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial. Contudo, a história da canção conta que ela era cantada por um grupo de camponesas de plantação de arroz, no século XIX, que trabalhavam em condições bem difíceis. A canção exercia uma espécie de resistência a aquela situação, a letra da época era diferente da atual, alguns versos foram modificados, ocorreram diferentes versões, e essas mudanças na letra tinham relação com o contexto em que se vivia (Tomatis, 1984). A interpretação da Banda Bassotti (1993), uma banda italiana de ska-punk com forte inclinação política de esquerda, traz um protesto que ultrapassa gerações e barreiras (https://www.youtube.com/watch?v=R4HPmCShXUk). A última versão conhecida narra a história de um partigiano (guerrilheiro) que, ao despertar, se depara com as forças fascistas ocupando o seu território. Ele solicita que seja levado embora, ciente de que está próximo da morte, mas também manifesta o desejo de lutar pela liberdade até o último instante. O anseio de ser sepultado nas montanhas, rodeado de uma flor encantadora, representa o sacrifício e a batalha pela liberdade. O refrão "*O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao*" é um adeus melancólico, porém poderoso, que se transformou

num hino para aqueles que sacrificaram suas vidas em prol da liberdade. Na canção, a flor representa esse sacrifício, servindo como um lembrete para as gerações futuras do valor da liberdade. A canção vai além de ser apenas uma canção, é um apelo à bravura e à batalha por um mundo mais equitativo e livre de opressão.

A música "*Bella Ciao*" pode ser vista como um "espaço de memória" já que, por meio de sua letra e melodia, perpetua e comunica o legado de um período crucial da história, particularmente a resistência ao fascismo durante a Segunda Guerra Mundial. Quando cantada, ela relembra as vivências de resistência, sacrifício e bravura dos guerrilheiros italianos que lutaram contra o fascismo, estabelecendo uma conexão emocional entre o passado e o presente. Ademais, a música se converte em um símbolo que transcende o seu contexto original, sendo reinterpretada e resignificada por diversas gerações e movimentos ao longo da história, como foi dito. Portanto, traz lembranças coletivas de uma época de intensa batalha pela liberdade, e sua capacidade de ecoar entre as novas gerações a torna um elo com a história e a resistência contra a opressão. Um vídeo de 25 de abril de 2016, mostra em um metro de uma região metropolitana da Itália um grupo de pessoas cantando *Bella Ciao*, a começar por uma senhora e um grupo que aparenta entre 60 a 70 anos, em seguida a música contagia o restante dos passageiros, e não somente os de maior idade, mas os mais jovens começam a acompanhar, e todos cantam juntos. Percebe-se assim a importância da música, que ultrapassa o tempo e toca o coração das pessoas, obviamente por a música ter feito parte da trilha do famoso seriado "La Casa de Papel", da Netflix, também estava presente na memória dos mais jovens, toda forma o simples fato da canção ser trazida a tona no seriado, já mostra sua importância como "Espaço de memória" (https://www.youtube.com/watch?v=8y8zEzk9-A8)

A canção espanhola "*Viva La Quinta Brigada* (*Ay, Carmela*)", originalmente criada e executada pelos soldados que combateram a ocupação francesa na Guerra de Independência da Espanha (1808-1814), e posteriormente reinterpretada por soldados republicanos durante a Guerra Civil Espanhola, reivindicando a décima quinta Brigada Internacionalista (brigadas de voluntários provenientes de várias nações para combater os fascistas) é mais uma canção importante. Ela foi gravada pelo chileno Rolando Alárcon (https://www.youtube.com/watch?v=Fko5fYIBJFU), e presta uma homenagem à Quinta Brigada Internacional, que se opôs aos nacionalistas sob o comando de Francisco Franco, contando com o apoio de fascistas e mercenários. A canção exalta as conquistas e a bravura dos guerreiros, mencionando batalhas e obstáculos superados durante o conflito. O refrão

“Ay, Carmela” é frequentemente repetido entre as forças republicanas, funcionando como um vínculo emocional que intensifica a união e o espírito de batalha. A referência aos “moros”, “mercenários” e “fascistas” realça os oponentes da brigada, ao passo que a passagem do “exército del Ebro” e a “paliza” concedida às forças invasoras destacam uma das conquistas dos republicanos durante a guerra. A canção também espelha a árdua realidade do conflito, onde “não temos dias de luar” nem “dias de Marte”, sugerindo que a batalha é contínua e não existe pausa para os guerreiros. A menção a “tanques e granadas” realça a severidade da batalha. Por meio de sua letra e melodia, “Viva La Quinta Brigada (Ay, Carmela)” presta uma homenagem aos que batalharam pela liberdade, e também funciona como um registro musical da resistência e da história do conflito civil espanhol.

A canção, também conhecida como “*Ay, Carmela”*, pode ser considerada um "local de memória" por seu papel na conservação e disseminação das vivências e batalhas dos participantes deste conflito, particularmente os republicanos e as brigadas internacionais. A música desempenha um papel crucial na preservação das memórias de resistência e solidariedade global. Ela relembra a bravura e os sacrifícios daqueles que resistiram ao fascismo, criando uma conexão com um passado político e ideológico que ainda ecoa em cenários atuais de batalha contra regimes autoritários, além disso, a música tem um papel crucial na resistência cultural ao governo de Franco (Beevor, 2007).

Ao longo e depois da guerra, a censura franquista suprimiu diversas expressões culturais ligadas à República, fazendo da música um meio subversivo de preservar a identidade republicana. Assim, *Viva La Quinta Brigada* é um “espaço de memória” não só por reviver acontecimentos históricos, mas também por reafirmar a persistência dos conceitos de liberdade e justiça social. Assim como todas as canções de protesto e resistência, ela contribui para a formação de uma memória coletiva que transcende a esfera pessoal. Ela faz parte de uma tradição de músicas de resistência contra o fascismo que perdura por gerações, atuando como uma ponte entre o passado e o presente. Sempre que a canção é entoada, a memória da batalha contra o fascismo é reavivada, perpetuando a recordação de um período crucial da história do século XX (Beevor, 2007).

A música "*Pra Não Dizer que Não Falei das Flores*", de autoria de Geraldo Vandré lançada em 1968, citada anteriormente, é um dos principais símbolos de resistência da música brasileira durante a época da ditadura militar. O tom da música é marcado pela resistência e denúncia contra a repressão política, a censura e a violência do regime militar

(https://www.youtube.com/watch?v=KdvsXn8oVPY).

Com uma letra impactante, que emprega a metáfora das flores para representar a batalha e a procura pela liberdade, Vandré manifesta o anseio por uma nação mais justa e o combate à ditadura. A música logo se vinculou aos protestos contra o governo e se transformou num hino de resistência, a letra, que faz referência ao "caminho" que o povo deveria percorrer para combater a opressão, foi censurada pela ditadura e retirada das estações de rádio. Contudo, ela persistiu sendo entoada em protestos e se transformou em uma marca de resistência durante o período de repressão. Portanto, "*Pra Não Dizer que Não Falei das Flores*" é uma forte música de protesto e um testemunho vivo da batalha pela liberdade no Brasil.

Dessa forma, a música de Geraldo Vandré é um "espaço de memória", pois, através de sua letra e contexto, mantém e comunica a lembrança de uma época de angústia e resistência política no Brasil. Ela simboliza a resistência à opressão da ditadura militar e persiste como um ponto de referência para o debate acerca da liberdade, justiça e dignidade humana.

Neste último momento foi minha intenção trazer alguns exemplos de músicas que são espaços de memória, obviamente é impossível retratar a quantidade de músicas existentes, já que o repertório é imenso. Contudo através desses poucos exemplos podemos perceber que a música, como um “espaço de memória”, atua como um repositório dinâmico que não apenas guarda lembranças do passado, mas também as reinventa, ressignifica, permitindo que elas se transformem e se ajustem conforme as experiências do presente.

Concluo insistindo em afirmar a capacidade da música de transcender o tempo, servindo como um elo entre gerações e criando um canal direto para a construção da identidade, tanto no nível individual quanto coletivo. Através de suas letras, ritmos e melodias, a música preserva histórias e sentimentos, ao mesmo tempo em que possibilita novas formas de interpretação e compreensão dessas narrativas. Assim, a memória musical não é um arquivo estático, mas um movimento contínuo que adapta o passado à realidade do agora, ajudando a fortalecer laços de pertencimento, cultura e história. Em última análise, a música não apenas preserva a memória, mas também a torna viva, vibrante e essencial na formação da identidade de um povo ou indivíduo.

REFERÊNCIAS

AYDIN, Ciano. **How to Forget the Unforgettable? On Collective Trauma, Cultural Identity, and Mnemotechnologies**. London: Identity, Volume 17, 2017, p. 125-137.

BARROS, José D'Assunção. **Memória e história: uma discussão conceitual**. Tempos Históricos, volume 15, 1º semestre de 2011, p. 317-343.
BEEVOR, Antony. **A Batalha pela Espanha – A Guerra Civil espanhola – 1936-1939**. Ed. Record, 2007.
FEUDI, Nicole. **Bye, Bye Miss American Pie: How Music Shapes Collective Memory**. Elon Journal of Undergraduate Research in Communications, Vol. 9, No. 2, 2018.
GOMES, Caio de Souza. **"Por toda América soplan vientos que no han de parar hasta que entierren las sombras": anti-imperialismo e revolução na canção engajada latino-americana (1967–1969)**. Revista História e Cultura, v. 2, n.1, 2013.
HOBSBAWM, E. J. **The invention of tradition**. *In*: HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. (ed.). *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
MACDONALD, Ian. **The New Shostakovich**. University of. Oxford. United Kingdom, 1991.
NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**, Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005.
_____. **A Síncope das idéias**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.
NEVES, Margaria de Souza. **Lugares de Memória na PUC-Rio**. Núcleo de Memória da PUC**,** 2007. Disponível em: http://nucleodememoria.vrac.pucrio.br/content/lugares-memoria-puc-rio
NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux**. IN Pierre Nora (org). Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, [1984]. Vol 1 La République.
OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. **Entre a Destruição e a Preservação**. In: SCHIAVO, Cleia & ZETTRL, Jayme (coord.). Cultura, Memória e Cidade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.
SHELEMAY, Kay Kaufman. **Music, Memory and History**. Ethnomusicology Forum Vol 15, No. I, June 2006, pp. 17-37.
TOMATIS, Jacopo. **Bella Ciao**. Bloomsbury Academic. New York, 1984.

REFERÊNCIAS YOUTUBE
MUSIC PUBLISHER. Bella Ciao [2019], 2 min 13 seg., Canal Banda Bassotti. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R4HPmCShXUk. Acesso em: 07, jul, 2025.

Bella Ciao [2016], 2 min. 28 seg., Canal Pietro Pappagallo, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8y8zEzk9-A8 . Acesso em 06, Ago, 2025.

Ay Carmela - Viva la Quinta Brigada - Rolando Alarcon [2011], 3 min 1 seg., Canal Limireth. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Fko5fYIBJFU . Acesso em 14, Set., 2025.

Pra não dizer que não falei das flores [2017], 6 min. 1 seg., Canal Geraldo Vandré – Tema. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KdvsXn8oVPY . Acesso em 14, Set, 2025.